

# Sobre Goethe (1798)

**Novalis**

**Tradução de Ana Resende**

Mestre em Filosofia pela PUC-RJ e doutoranda em Filosofia pela UERJ, professora da UERJ e da UFRJ.

Goethe é por inteiro poeta prático. Ele é em suas obras — o que o inglês é em seus gêneros — supremamente simples, agradável, conveniente e durável. Ele fez pela literatura alemã o que Wedgwood<sup>1</sup> fez pelo mundo da arte inglês —. Ele tem, como os ingleses, um gosto naturalmente econômico e um nobre, adquirido pelo entendimento. Ambos entendem-se muito bem e têm um parentesco próximo, em sentido *químico*. Em seus estudos físicos, fica muito claro que sua inclinação é, antes, completar algo insignificante — dar a ele o supremo polimento e elegância —, que começar um mundo e fazer algo de que se pode pressupor que não se realizará completamente, que permanece certamente desajeitado e que nunca alcança a habilidade do mestre. Mesmo neste campo, ele escolhe um objeto romântico ou senão um objeto agradavelmente intrincado. Suas observações da luz<sup>2</sup>, da metamorfose das plantas e dos insetos<sup>3</sup> são a confirmação e, ao mesmo tempo, a mais convincente demonstração de que também a completa instrução pertence à esfera do artista. Também se poderia, em certo sentido, afirmar com razão que Goethe é o primeiro físico do nosso tempo — e, de fato, que fez época na história da física. Não se pode falar aqui da extensão do conhecimento, nem, tampouco, as descobertas poderiam determinar a posição do pesquisador da natureza. Isto depende se observamos a

<sup>1</sup> Josiah Wedgwood (1730-1795), ceramista inglês — responsável pela industrialização da produção de cerâmica — e reformador social.

<sup>2</sup> Novalis refere-se às *Considerações de Óptica*, publicadas em 1791-1792.

<sup>3</sup> Novalis refere-se à *Tentativa de Esclarecer a Metamorfose das Plantas* (1790) e às preleções de Goethe sobre *A Metamorfose dos Insetos, em particular das Borboletas* (1796).

natureza, como um artista observa as antiguidades (*Antike*) – pois a natureza é algo distinto de uma antiguidade viva. A natureza e o discernimento da natureza surgem ao mesmo tempo, como as antiguidades e o conhecimento das antiguidades (*Antikenkenntniß*); pois se erra muito ao crer que há antiguidades. Somente agora começam a surgir as antiguidades. Elas vêm a ser sob os olhos e a alma do artista. As relíquias da época antiga (*Altertum*) são apenas o estímulo específico para a formação das antiguidades. As antiguidades não são feitas com as mãos. O espírito as produz com o olho – e a pedra entalhada é apenas o corpo, que somente através delas adquire significado, e se torna fenômeno das mesmas. Como o físico Goethe se relaciona com os outros físicos, assim, o poeta com os outros poetas. Em extensão, variedade e profundidade ele é superado aqui e ali, mas na arte da formação, quem poderia igualar-se a ele? Nele tudo é ato – como em outros, tudo é apenas tendência. Ele efetivamente fez algo, enquanto outros fazem apenas algo possível – ou necessário. Criadores necessários e possíveis somos todos nós – mas quão pouco efetivos. Talvez o filósofo da escola chamasse a isto empirismo ativo. Queremos nos contentar em observar o talento artístico de Goethe e ainda lançar um olhar ao seu entendimento. Nele se pode conhecer, numa nova luz, o dom de abstrair. Ele abstrai com uma precisão rara, mas nunca sem construir, ao mesmo tempo, o objeto a que corresponde a abstração. Isto não é outra coisa que filosofia aplicada (*angewandte Philosophie*) – e, assim, o encontramos, ao fim, para nosso não menor espanto, também como filósofo prático, aplicado, como o foi, desde sempre, todo artista autêntico. Também o filósofo *puro* tornar-se-á prático, embora o filósofo aplicado não costume ocupar-se com a filosofia pura – pois isto é uma arte para si. /O *Meister* de Goethe/O lugar da arte em sentido próprio é meramente no entendimento. Este constrói segundo um conceito próprio. Apenas fantasia, *Witz* e faculdade de julgar são requeridas por ele. Logo, o *Wilhelm Meister* é por inteiro um produto da arte – uma obra do entendimento. Deste ponto de vista, vêem-se algumas obras muito medíocres nos salões de arte – e, ao contrário, os escritos considerados mais excelentes excluídos deles. Os italianos e espanhóis têm muito mais talento artístico que nós. Também mesmo aos franceses este não falta – os ingleses têm já muito menos e assemelham-se, neste aspecto, a nós, que também muito raramente possuímos *talento artístico* – embora, entre todas as nações, sejamos providos, em maior abundância e o melhor possível, com aquela capacidade – que o entendimento põe em suas obras. Este excesso em requisitos da arte faz, com efeito, dos poucos artistas entre nós tão únicos – tão extraordinários, e nós podemos dar por certo que, entre nós, surgirão as mais magníficas obras de arte, pois nenhuma nação nos supera em universalidade enérgica. Se eu compreendo corretamente os amantes modernos da literatura da época antiga, eles, com sua exigência em imitar

os escritores clássicos, não têm outra coisa em mente que nos formar artistas – que despertar talento artístico em nós. Nenhuma nação moderna possuiu o entendimento artístico em tão alto grau como os antigos (*Alten*). Tudo é para eles obra de arte – mas talvez não fosse demais dizer, se admitíssemos que eles o são ou poderão vir a ser somente para nós. É o mesmo com a literatura clássica que com as antiguidades; ela não nos é dada verdadeiramente – ela não existe – mas, primeiro, deve ser produzida por nós. Uma literatura clássica – que os antigos mesmos não tinham – surge para nós somente pelo estudo diligente e pleno de espírito dos antigos. Os antigos deveriam tomar para si uma tarefa inversa – pois o mero artista é um homem unilateral, limitado. Em rigor, Goethe é inferior aos antigos – mas ele os supera em teor – este mérito, contudo, não é seu. Seu *Meister* aproxima-se bastante deles – pois é pura e simplesmente romance, sem adjetivo – e o quanto isto significa nesta época!

Goethe será e tem de ser superado – mas apenas como os antigos podem ser superados, em teor e força, em variedade e profundidade – mas não propriamente como artista – e por pouco apenas, pois sua precisão e rigor são talvez já mais exemplares que o que parecem.

